



**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	<p>Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 1 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-551-8 DOI 10.22533/at.ed.518192008</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ALTERNATIVO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS ESTUDANTES ENAWENE NAWE, JUÍNA, MATO GROSSO	
Cleyde Nunes Pereira de Carvalho Léia Teixeira Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.5181920081	
CAPÍTULO 2	13
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA (EBTTs) NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ CAMPUS PALMAS	
Melania Dalla Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920082	
CAPÍTULO 3	26
A DIALÉTICA ENTRE CRIAÇÃO ARQUITETÔNICA E DESENHO PARAMÉTRICO: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS	
Thiago Henrique Omena Arthur Hunold Lara Ana Judite Galbiatti Limongi França	
DOI 10.22533/at.ed.5181920083	
CAPÍTULO 4	37
A DIVERSIDADE SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS	
Gabriela Marinho Sponchiado Juliana Cerutti Ottonelli	
DOI 10.22533/at.ed.5181920084	
CAPÍTULO 5	49
A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DE EVOLUÇÃO COMO TEMÁTICA INVESTIGATIVA	
Malena Marília Martins Gatinho Kézia Ribeiro Gonzaga Frederico Passini Silva Vanessa Oliveira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.5181920085	
CAPÍTULO 6	62
A VISÃO DOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DO NORTE DE MATO GROSSO SOBRE AS AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA	
Lucas Freza Bohrer Karina Janaina Jung Oalas Aparecido Moraes dos Santos Sílvia Cândida de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5181920086	
CAPÍTULO 7	67
ALGUNS ASPECTOS NA BELÉM DE BELLE ÉPOQUE. LÁTEX E BELLE ÉPOQUE: UM CASAMENTO PERFEITO	
Antonia Eriane Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920087	

CAPÍTULO 8	71
ALICE MILLER E A PEDAGOGIA NEGRA	
Roseli Zanon Brasil	
Romualdo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5181920088	
CAPÍTULO 9	78
ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISA	
Fátima Rosane Silveira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5181920089	
CAPÍTULO 10	90
ANIME COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA ANÁLISE DO ANIME HATARAKU SAIBOU	
Amanda Jéssica Silva Santos	
Érica Oliveira de Lima	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.51819200810	
CAPÍTULO 11	98
ARTE, UMA POSSIBILIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE CONCEITOS POR MEIO DA CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	
Sofia Maia Oliveira	
Vanessa Fernanda Lopes Lucas Soares	
DOI 10.22533/at.ed.51819200811	
CAPÍTULO 12	114
AULA PRÁTICA SOBRE DILUIÇÃO DO PERMANGANATO DE POTÁSSIO COMO UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA DE APRENDIZAGEM	
Lucas Freza Bohrer	
Karina Janaina Jung	
Oalas Aparecido Morais dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.51819200812	
CAPÍTULO 13	122
CANTINHO DA LEITURA: CONSTRUINDO A COMPETÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA	
Diolina Alves dos Santos	
Célia Maria Alves	
Dorcas Faria de Oliveira	
Eleandra Negri Costa	
Maria do Socorro Gomes de Assis	
Raquel Pereira do Nascimento	
Vânia Horner de Almeida	
Voila Roberta Pereira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.51819200813	

CAPÍTULO 14	130
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
<p>Maria Helena Ferrari Allan Vinícius Jacobi Érica Jaqueline Pizapio Teixeira Luciano Duarte Souza Juliana Negrello Rossarola Thiago Duarte Mielke</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200814	
CAPÍTULO 15	144
ENSINO DE GEOGRAFIA E AS GEOTECNOLOGIAS	
<p>Luiza Carla da Silva Soares Assis Heibe Santana da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200815	
CAPÍTULO 16	155
ENSINO PRÁTICO E INTEGRADO DE ELETRÔNICA E PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES EMPREGANDO O MICROCONTROLADOR ARDUINO	
<p>Carlos Yujiro Shigue Alexandre de Moraes Ricardi Eduarda Wiltiner Reis Santana Danilo Bellintani Vinicius de Souza Meirelles Sandra Giacomini Schneider</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200816	
CAPÍTULO 17	167
ESCOLA SARÃ: O TEMPO DA ESCOLA E OS TEMPOS DA VIDA	
<p>Jucilene Oliveira de Moura Ozerina Victor de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200817	
CAPÍTULO 18	181
“ESCOLA SEM PARTIDO”: REFLETINDO SOBRE UMA (IM)POSSÍVEL IMPLEMENTAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
<p>Rômulo Menegas</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200818	
CAPÍTULO 19	193
ESCOLAS MILITARES: ENFÂSE AO COLÉGIO POLICIAL MILITAR FELICIANO NUNES PIRES	
<p>Paulo Ramos dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200819	
CAPÍTULO 20	202
ESGRAVA ESPERANÇA GARCIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA À APLICABILIDADE DA LEI 10.639/2003	
<p>Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa Rosemar Eurico Coeng</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200820	

CAPÍTULO 21	216
ESTUDO DA RESISTÊNCIA À TRAÇÃO DE MISTURAS ASFÁLTICAS MORNAS MODIFICADAS COM ÓLEO VEGETAL	
Paulo Roberto Barreto Torres Wesley Rodrigues Menezes Eduardo Antônio Guimarães Tenório Jefferson Honório Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200821	
CAPÍTULO 22	225
FORMAÇÃO CONTINUADA EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BOM RETIRO DO SUL/RS	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.51819200822	
CAPÍTULO 23	242
GÊNEROS TEXTUAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ MARIANO BENTO	
Marcia Rezende de Sousa Madalena Santana de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.51819200823	
CAPÍTULO 24	251
GERENCIALISMO ESTATAL E A RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA EDUCAÇÃO EM GOIÁS	
Maria Augusta Peixoto Mundim Luelí Nogueira Duarte e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200824	
CAPÍTULO 25	267
HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AS FONTES HISTÓRICAS E O FAZER PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA	
Francisca Neta Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.51819200825	
CAPÍTULO 26	280
IMPrensa e Educação: O Decreto nº 31 de 29 de Janeiro de 1890 para a Instrução Pública do Estado do Paraná	
André de Souza Santos Gizeli Fermino Coelho Maria Cristina Gomes Machado	
DOI 10.22533/at.ed.51819200826	
CAPÍTULO 27	292
INVESTIGAÇÃO DA EFICÁCIA DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
Bruna Menezes de Oliveira Michelly Rodrigues Pereira da Silva Amanda Karla Santiago Araújo Welton Aaron de Almeida Julianne Cybelly Santos Silva Emmanuel Viana Pontual Suzane Bezerra de França	
DOI 10.22533/at.ed.51819200827	

CAPÍTULO 28	301
JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA (DES)CONEXÃO	
Ivanês Zappaz	
DOI 10.22533/at.ed.51819200828	
CAPÍTULO 29	311
JUVENTUDES EM TRÂNSITOS: DIVERSIDADE DE GÊNEROS - EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.51819200829	
CAPÍTULO 30	322
MÉTODO DE REDUÇÃO AO MESMO COEFICIENTE NA RESOLUÇÃO DE SISTEMAS DE EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU: UM ESTUDO NA PROPOSTA DE JOSÉ ADELINO SERRASQUEIRO NO TRATADO DE ÁLGEBRA ELEMENTAR (1878)	
Enoque da Silva Reis	
Luiz Carlos Pais	
DOI 10.22533/at.ed.51819200830	
SOBRE OS ORGANIZADORES	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISA

Fátima Rosane Silveira Souza

RESUMO: Este artigo traz relatos de vivências e aprendizagens nas alteridades indígenas, em pesquisa etnográfica (GEERTZ, 2013) realizada durante o Mestrado em Educação, na Universidade de Santa Cruz do Sul – RS, em 2014. A pesquisa foi realizada nas aldeias Mbya-Guarani, em Estrela Velha e Salto do Jacuí, municípios da região central do Estado. O objetivo era compreender as relações estabelecidas pelos Mbya-guarani por meio das postagens e das comunicações realizadas no Facebook. Para o Guarani, o Facebook é uma forma de comunicação e de atualização da cultura; um espaço de resistência e de alteridades. As alteridades ameríndias revelam uma profunda relação de completude e incompletude que vão fortalecendo e atualizando o modo de ser guarani e ensinando-nos outros caminhos para construção de uma cidadania planetária. A pesquisa intercultural trouxe importantes aprendizagens para a formação de uma consciência terrena e construção de cidadania planetária (MORIN, 2000); refletir sobre como equilibrar a concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica do não-indígena com a concepção ameríndia de uma totalidade cosmológica e de um estar-sendo (KUSCH, 1986) como uma experiência de raiz messiânica

de alteridade com o outro e com a natureza – um estar-sendo na complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mbya-Guarani, complexidade, Facebook, estar-sendo, alteridade

O INÍCIO DA PESQUISA

Os Guarani integram a família linguística Tupi-Guarani, falam a língua guarani. Schaden (1962), nas décadas de 1940-50, a partir das diferenças de ordem linguística e cultural, identificou nessa etnia três parcialidades: Mbya, Nhandeva e Kaiowa. No Brasil, os Mbya vivem principalmente nos estados das regiões Sul e Sudeste. No Rio Grande do Sul, estimam-se uma população de cerca de 3.000 Mbya, parcialidade predominante.

Quando ingressei no Mestrado em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul – RS – UNISC, a Universidade já desenvolvia projetos de pesquisa e extensão em duas comunidades indígenas da região. Convidada por colegas do curso, meus estudos foram se voltando para a educação indígena. Desconhecia a história e a cultura desses povos. Fui levada à pesquisa em razão do estranhamento pelo uso que faziam do Facebook. Havia o relato de um dos colegas

sobre a inconformidade de alguns indígenas em relação ao cuidado e às reflexões dos conselheiros da aldeia sobre o uso (excessivo) dessa mídia social.

Tecnologias e mídias sociais são temas de meu interesse. A associação entre Facebook e os Guarani (ou os povos indígenas) pode até causar estranhamento, mas por tudo o que observei durante essa pesquisa etnográfica (GEERTZ, 2013), eles se apropriaram muito bem do uso dessa ferramenta de comunicação. Já se tornou fala corrente entre os pesquisadores interculturais que os Guarani preferem se comunicar por meio do Facebook; é inútil enviar e-mail para um Guarani. Caso insista, é recomendável avisar o destinatário pelo Facebook e aguardar resposta pelo mesmo caminho.

Assim teve início o projeto que deu origem à dissertação “Processos educativos na alteridade Mbya-Guarani no Facebook - afetar e deixar-se afetar”, defendida em maio de 2015, cujo objetivo era compreender as relações estabelecidas pelos Guarani por meio do Facebook.

Nesta etapa, a ida à aldeia tinha como objetivo apresentar a proposta e solicitar a autorização para realizar a pesquisa com e naquelas comunidades. Findava o mês de fevereiro de 2014. O deslocamento até a aldeia teve a companhia de colegas e da professora orientadora. Não conhecia a região. Sabia, de antemão, que haveria uma reunião com professores indígenas, lideranças e *karaí* (lideranças espirituais e conselheiros) de duas aldeias, e que esta seria uma boa oportunidade para esse diálogo. O que poderia acontecer nesse encontro, não fazia ideia. Durante o trajeto de mais de 100 km, fui tomada por sentimentos de ansiedade e inquietação.

O LOCAL, O ENCONTRO E OS SENTIMENTOS

As aldeias indígenas Mbya-Guarani em que foi realizada a pesquisa estão localizadas nos municípios de Salto do Jacuí, *Tekoá Porã* (Aldeia Bonita), e Estrela Velha, *Tekoá Ka'agui Poty* (Aldeia Flor do Campo), na região central do Rio Grande do Sul, sul do Brasil. A região é montanhosa. O acesso é por meio de estradas estreitas, sem pavimentação; muitos trechos são íngremes e é preciso ter muito cuidado. Os nevoeiros são frequentes e muito densos.

As imagens que ainda remanescem em minha retina são testemunhas íntimas do desconcerto que senti ao chegar à aldeia. Nenhuma etnografia estudada anteriormente dá conta de um momento tão pessoal. É um momento para lidar com todo o peso da história colonial e colonizadora que, por vezes, cultivamos e emergem como se abríssemos um arquivo de imagens coloniais de representações, de práticas (SOUZA LIMA, 2015) e estereótipos guardados em nosso inconsciente e que se manifestam em julgamentos e imagens e falas.

Embora fosse verão, eu sentia frio. Até que chegaram as crianças, a alegria, o olhar curioso, a aproximação carinhosa; o chimarrão que aquece e acalma o coração. Fui recebida com respeito e atenção.

A reunião aconteceu na escola da comunidade. Um prédio simples, de madeira, que tem uma pequena peça para o preparo e distribuição da merenda e um espaço maior para acolher uma turma multisseriada de alunos do primeiro ao quinto ano. Há apenas um indígena guarani entre os professores. Como a terra em que a aldeia se encontra ainda não está regularizada, a escola indígena funciona como um anexo da escola estadual que se encontra localizada no Distrito de Itaúba, distante cerca de 5 km da aldeia e 20 km da sede do Município de Estrela Velha.

Quando chegamos, estavam todos reunidos na escola. No mesmo ambiente, crianças brincavam, adultos tomavam chimarrão e conversavam em guarani. Essa foi a primeira vez que ouvi alguém falar guarani. O cacique João Paulo, da *Tekoa Ka'agui Poty*, foi o interlocutor da minha solicitação. Durante a reunião, apenas os homens falavam, mas todos foram consultados. As perguntas eram dirigidas a mim em um português pouco fluente; novas discussões seguiam em guarani. A autorização para a pesquisa veio acompanhada de recomendações sobre o respeito ao costume e à cultura. A caminhada de cooperação que vinha sendo construída pela universidade foram importantes para esse acolhimento.

E, apesar da inquietação anterior, foi um encontro de afecções alegres e potentes, que me estimulou a mergulhar profundamente na pesquisa. O primeiro encontro já foi um lição sobre o modo de ser guarani, o *mbyarekô*.

Iniciei essa trajetória etnográfica com o propósito de dialogar nos espaços possíveis, na aldeia e no Facebook. O compromisso era não opor real ao virtual (LEVY, 2009), nem reduzir a uma mera transposição para o virtual de preceitos da metodologia etnográfica, mas como complementares, dentro de uma relação intercultural de profunda alteridade. Alteridade no sentido de relação com os outros, humanos ou não humanos. Tudo o que se desenrolou desde então encontra-se em permanente reflexão; diz muito de sentimento, de espiritualidade, de ancestralidade, de alteridades, de afetar e deixar-se afetar. As vivências na aldeia e no Facebook foram me envolvendo em um movimento centrífugo de alteridade, um movimento que foi me afetando de tal forma que passei a ressignificar a existência, os valores, as crenças e o comportamento. A partir dos estudos e das vivências, estabeleci como desafio desenvolver uma narrativa com uma apreensão mais sensível do mundo (MIGNOLO, 2013), procurando desbloquear afetos e os campos sensoriais.

O PRIMEIRO PERNOITE

“Para entender, tem que conviver!” Essa é a recomendação que fazem para quem desejar conhecer um pouco mais essa cultura. “Difícil explicar, tem que conviver!” O conviver mais com os Guarani é um convite para viver essas alteridades, permitir-se uma outra maneira para compreender essa cultura, esse modo de estar no mundo e em relação. Atenta a essas recomendações e, dentro das possibilidades dos meus

interlocutores nas aldeias, fui planejando os encontros. Na primeira visita, chovia. Era uma terça-feira. Comigo estava uma colega que já convivera com os Mbya em outras aldeias. Preparadas para o pernoite, saímos de casa no início da tarde. Além do necessário para dormir com um mínimo de conforto, levávamos alimento para consumo próprio, que nos possibilitaria passar uma noite e um dia com uma alimentação leve. Nosso objetivo era estar na companhia dos nossos anfitriões, nada muito definido, conviver, apenas.

O trajeto ainda não era bem conhecido. No pedido de informações durante o caminho, observamos que os moradores da região desconheciam a existência de uma aldeia indígena nas proximidades. Entre vai-e-volta, é-por-outra-estrada, chegamos à aldeia ao anoitecer.

Fomos recebidas pelo cacique João Paulo. Ele nos recebeu sorridente e nos acompanhou até a sede do posto de saúde, local reservado ao nosso pernoite, e que ficava a cerca de 500 metros do prédio da escola. Não havia outras moradias nas proximidades. Na escuridão da noite, com chuva e atoleiros, o local, o posto era uma construção de madeira coberta por telhas de cerâmica. O local era seco, quente e com banheiro. Disponha de alguns equipamentos de enfermagem, como maca, armário de remédios e material para curativos. Quando abri a janela, observei a noite escura e o voo solitário de uma *urukuere* (coruja), despertada pelo movimento repentino que lançou um jato de luz que iluminou a noite. Mais tarde, enquanto tentávamos adormecer, ela veio embalar de sustos o nosso sono. Seria um aviso?

Embora fosse verão, fazia frio. A aldeia fica no alto da serra; de um lado, a mata; do outro, um descampado tomado pelo vento. Logo adiante, cortando as montanhas, o Rio Jacuí. Esse rio é importante para a economia gaúcha e, também, para o *mbyarekó*.

O cacique nos fez companhia por algum tempo. Conversamos sobre rotinas da aldeia e dificuldades de acesso às políticas públicas. Ele nos informou, então, que iria providenciar a janta, que seria na sede da escola e que voltaríamos a conversar durante a janta. Perguntou, então, o que havíamos trazido para a janta. Nossa resposta foi de que faríamos apenas um lanche, ele não precisava se preocupar conosco. Vocês não trouxeram nada para fazer a janta? Não... Cheguei a pensar que ele havia estranhado nossos hábitos alimentares. Ele levantou-se, saiu em silêncio. Senti contrariedade na forma abrupta com que se afastou, mas não dei muita atenção ao meu sentimento uma vez que eu mal conhecia nosso anfitrião. Providenciamos nosso lanche, e aguardamos o retorno dele. Cerca de uma hora de espera e resolvemos ir até a escola. Tudo às escuras. Ouvia-se apenas o barulho da chuva. Ninguém nas proximidades, nem mesmo uma luz acesa. A porta estava aberta, resolvemos aguardar. Cheias de interrogações e teorias. O que poderia estar acontecendo? Passado algum tempo, em meio à escuridão, um vulto vem em nossa direção. Era o cacique. “Oi, João”, minha colega comentou. “O que houve?”, perguntei. E a resposta foi registrada no meu diário de campo (DC):

Vocês não trouxeram nada de comida. Todo mundo estava esperando, ia ficar reunido. Eu estava na casa da minha mãe, porque eu não tenho comida em casa. Nós tava esperando para reunir todo mundo. Foram dormir sem janta. Agora já é tarde. Vocês vão descansar e amanhã a gente conversa. (DC, 24/2/2014)

Ainda consegui perguntar: que horas, amanhã? Ele perguntou: “Vocês têm telefone? Eu ligo.” Retornamos ao nosso abrigo, inconformadas e sem entender o que acontecera! Eu tentava me valer da experiência da colega, mas ela não havia vivido situação semelhante.

Embora estivéssemos instaladas em local bem distante de qualquer vizinhança, cercada pela mata de um lado, próximos a um precipício que leva em direção ao rio, noite, chuva, escuridão riscada por relâmpagos, mas o que enfrentávamos, naquele momento, era uma profunda incompreensão. Eu atribuía o episódio à minha falta de familiaridade com a cosmologia e os costumes. Vasculhei minha memória na tentativa de buscar alguma etapa perdida, alguma orientação esquecida... Nada encontrei! Estávamos em uma situação de fragilidade oriunda do desconhecimento. O melhor a fazer era procurar descansar e aguardar o que poderia acontecer no dia seguinte. A coruja havia avisado?!

Após uma noite insone e de questionamentos, em que o único som ouvido eram os pios da coruja, ao amanhecer ainda chovia e fazia frio. Como seria aquele dia? Em ato automático, consultei o telefone celular, antes mesmo de levantar do leito instalado dentro de uma pequena barraca que tinha o objetivo de nos proteger dos insetos. Havia uma mensagem da professora orientadora. O cacique havia telefonado para ela, perguntando, em síntese, por que não tínhamos levado os alimentos para a janta coletiva, como fora combinado. “Para eles a palavra é muito importante.”, nos ensina a orientadora. Pelo teor da mensagem, ele já havia compreendido nossa situação. Mas eles realmente haviam ficado sem janta. Ela nos recomendou que procurássemos resgatar os laços, pois “cada dia é um dia para os Guarani, conversem com o coração aberto. Ah! já passei por muitos aprendizados desse tipo.” (DC, 25/02/2014) Percebi que ocorrera um mal-entendido. E, naquele momento, decidi, se houvesse novos encontros, eu cuidaria pessoalmente das combinações e procuraria não relativizar a importância de nenhuma fala. A sugestão da orientadora foi recebida como uma possibilidade de superar o mal-entendido, cuja dimensão e desdobramentos não tínhamos condições de avaliar. Se o cacique concordasse, procuraríamos resgatar coisas boas nesse encontro, além de procurar compreender melhor esses acontecimentos.

Eram cerca de 8 horas, o telefone tocou. *Javyju* (mais um despertar nos recebe; um equivalente ao bom dia). Uma saudação cordial e descontraída saudou nosso dia. O tom de fala do Cacique era bem diferente do diálogo que encerrara a noite anterior. Veio ao nosso encontro. Nas primeiras falas, nada daquilo que havia abalado nossa noite e ocupado nossos pensamentos, nas últimas horas, parecia ter acontecido com ele. Sim, cada dia é um dia!

Assim que encontrei uma oportunidade, perguntei se havia algum lugar próximo onde pudéssemos comprar alguns alimentos para um almoço coletivo. Procurei esclarecer que nosso agir havia sido por desconhecimento e confusão. Ele demonstrou ser uma liderança compreensiva e acostumada a lidar com essas situações com os *juruá* (não indígenas). Acompanhou-nos ao mercadinho, localizado a cerca de 5 km de distância da aldeia, no distrito de Itaúba. Adquirimos alimentos suficientes para um almoço coletivo. Ele também contribuiu. Nesse breve deslocamento, as conversas foram descontraídas. O dia continuava frio e chuvoso, mas passamos a sentir um caloroso acolhimento. Voltamos à aldeia. Enquanto um grupo providenciava o almoço, outros nos faziam companhia em uma roda de conversa e chimarrão. O almoço também teve pão de milho e mandioca, alimentos produzidos por eles.

O Cacique nos contou a história da aldeia, da chegada da família àquelas terras, os percalços para conviver com comunidade local, formada por agricultores e comerciantes descendentes de imigrantes alemães e italianos.

Eu observei que, no mercadinho, ele havia sido atendido com cordialidade e descontração e que era tratado pelo nome. E ele disse que “hoje já está tudo bem”. Ele nos contou que a notícia da chegada do grupo indígena à região, nos idos do ano 2001, havia gerado muita inconformidade e uma grande mobilização junto às autoridades locais e regionais para evitar que o grupo se instalasse naquelas terras. Mas, apesar de uma forte articulação política, os moradores não conseguiram reverter a situação.

As terras onde hoje está a aldeia haviam sido desapropriadas para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaúba, na década de 1970 e, desde então, eram usadas como pasto para o gado. A transferência de grupos indígenas para a região fazia parte da política de compensação socioambiental aos territórios indígenas atingidos pela duplicação da rodovia BR-116.

A literatura especializada nos fala que, tradicionalmente, as comunidades Guarani costumavam se estabelecer espacialmente sem a preocupação em se fixar numa área determinada ou em demarcar limites precisos, uma prática foi se modificando. O constante contato com a sociedade englobante foi impondo mudanças (GARLET, 1997). Hoje, os territórios indígenas, também referidos como terras indígenas, aldeias ou reservas, por toda a luta política que envolve os processos de demarcação, possuem limites definidos e defendidos com rigor. Quando há invasão ou alguma ameaça, é necessário recorrer ao Ministério Público para a defesa do território.

O relacionamento com os moradores da vizinhança se tornou mais amistoso após o time da aldeia ser convidado para participar de um torneio de futebol, esporte muito apreciado na região. O time da aldeia, formado apenas por indígenas, apresentou-se muito bem, fez muitos gols, surpreendendo toda a comunidade. E, a partir desse episódio, os convites para o futebol se tornaram rotineiros. E a relação com a comunidade se tornou mais amistosa. Sobre a relação entre os indígenas e o

futebol, Mauss (2003) nos diz que são práticas sociais que evidenciam os aspectos biológico, sociológico e psicológico. Quando acontece fora da aldeia, torna-se um jogo político de reafirmação e de resistência étnicas (ALMEIDA, 2014).

Após o almoço, novas histórias. Sobre os pais, os irmãos e os filhos. De coração aberto, contou sua história e a de sua família, Falou de alegrias e melancolias; da infância, das aprendizagens com o pai já falecido, da importância da presença e dos conselhos da mãe d. Catarina nas decisões sobre os destinos da aldeia.

O dia passou muito rápido. Esse episódio foi uma das grandes aprendizagens para a formação de uma pesquisadora intercultural. João Paulo, alguns dias depois, não lembrava mais do “mal-entendido”, o que reforça a lição da orientadora, é uma vivência no fluxo, cada dia é um dia.

Agora, na distância temporal dos acontecimentos, é preciso reconhecer nosso despreparo para lidar com a situação e a ansiedade que gerou. E a compreensão da liderança uma boa lição! Esse episódio ilustrou de forma extraordinária os estudos sobre a economia das trocas ou uma perspectiva da economia simbólica da alteridade (VIVEIROS DE CASTRO, 2006), prática que integra a cosmologia indígena. Nessa perspectiva, ao abrir a aldeia a pesquisadores, eles esperam uma contrapartida que contribua para o bem-estar da aldeia – alimentos para a janta coletiva ou outras contribuições, o que propicia encontros, aprendizagens e novas alteridades.

ALTERIDADES NO FACEBOOK

As visitas se tornaram mais regulares às aldeias, em pernoites ou encontros de um dia, de conversas, sempre atenta às interações e postagens no Facebook. Outros sobressaltos vivenciados não tiveram a mesma repercussão daquele dia. Foram muitas aprendizagens. Com as esculturas feitas por eles, como *xivi* (onça), *urucureá* (coruja), *tucã* (tucano), compreendi o significado que os Mbya atribuem a essas obras. Elas possuem um caráter metonímico - não é a figura de um *xivi*, por exemplo, que se adquire, se ganha de um Guarani ou tem sua imagem postada no Facebook. Essa escultura tem toda a força e a energia que o Guarani artesão lhe atribuir. Pode significar uma “coragem invencível para lutar por muitas coisas pela aldeia”, como descreveu João Paulo em relação à imagem de um *xivi* que acabara de produzir e foi publicada no Facebook, alguns dias depois. Essas imagens, por tudo o que observei, também carregam essa mesma energia. São mais do que um simples artefato, elas ganham agência, geram aproximações e produzem alteridades.

Na pesquisa, procurei estudar e relacionar as dimensões do *Mbyareko*, espacialidade e reciprocidade com as trocas e práticas dos Mbya no Facebook. Observei que o jeito de ser pode até se fortalecer no ambiente digital, um espaço sem lugar e de alteridades deslocativas, um modo de estar-no-mundo herdado dos ancestrais e cuja a continuidade eles procuram manifestar em diferentes contextos

(PISSOLATO, 2007), inclusive nas mídias digitais.

Estando acostumada à convivência com pessoas que se cercam com escudos invisíveis que impedem o outro de se aproximar, ou que necessitam se firmar e se impor diante do outro, foi extraordinária a experiência de conhecer e de vivenciar a abertura dos indígenas para a relação com o outro. Uma abertura natural que se observa desde o comportamento das crianças, e que foi muito acolhedor quando estive pela primeira vez na aldeia.

Com essa etnografia, o discurso de racionalidade que construí ao longo da vida foi profundamente abalado. Uma vivência que ensina a condição humana em outra dimensão, uma vivência de descolonialidade e de aprendizagem de uma dimensão planetária. Quem não precisa se firmar como identidade, pode se abrir ao outro como condição de existência. Pude viver a afetação como um processo singular de aprender a conviver na alteridade. Os tensionamentos vividos no contexto de acesso ao outro vão constituindo nossa vida social e nossa formação psíquica, como aprendemos na Psicologia. Alteridade como causa e efeito da condição humana, quando o outro está em evidência. Esse outro se constitui como ponto de partida do conhecimento e dá início a infinitas circularidades do conhecimento. A alteridade e diálogo como indispensáveis às ações educativas (GUEDES, 2014), uma abertura para as coisas naturais da vida. Muitas foram as aprendizagens e desaprendizagens! Essa vivência permitiu-me deixar aflorar uma apreensão mais sensível do mundo (MIGNOLO, 2013), desbloqueando afetos e campos sensoriais adormecidos. Outras leituras de mundo passaram a acontecer, repercutindo no modo de ser e de estar no mundo, no consumo de bens e na responsabilidade de cada um como parte de uma civilização terrena. Compreendi ser esse um dos caminhos para ensinar e aprender a condição humana e a consciência terrena, em uma ideia de dimensão planetária (MORIN, 2011), de ter mais cuidado com o mundo que nos acolhe e com o outro com quem compartilhamos esse mundo. No caminho de uma consciência terrena, em que a união planetária significa aprender a viver, a dividir, compartilhar, o que se aprende somente com as culturas singulares, Morin (2011) é enfático ao afirmar que devemos inscrever em nós uma consciência antropológica, que reconhece unidade na diversidade. Unidade na diversidade é uma leitura de alteridades que emergem, neste caso, da relação entre tempos diferentes, se pensarmos em tempo pré-colonial, colonial e o agora; entre mundos diferentes, o indígena e o não indígena, entre uma visão planetária e um pensar antropocêntrico.

Nesse caminhar, os Mbya fizeram do Facebook um espaço de atualização e revitalização dos sistemas tradicionais, gerando modos criativos e inovadores de interação. A conexão com a internet e com as mídias sociais tornou-se uma forma de ampliar a rede de contatos, as interações e o potencial de trocas; também é uma oportunidade de conhecer outros mundos e de encontrar outros meios para vivenciar o *Mbyarekô*. Tornaram-se hábeis ao explorar as potencialidades do ciberespaço, um espaço de alteridades e de formação de redes com toda a comunidade, indígena e

não indígena.

Nessas redes, o comportamento dos indígenas para rastrear pessoas e estabelecer relações pode ser uma atualização de uma prática ancestral da caça cujos contornos devem ser mais estudados. O ciberespaço tornou-se um “lugar” de recuperação das raízes ancestrais, facilitado pela mobilidade da Internet, a qual possibilita permanecer fisicamente imóvel e, ainda assim, transpor o espaço e as distâncias, encontrar pessoas, vê-las e ouvi-las, uma “viagem” que guarda semelhança com uma estrutura xamânica de comunicação.

De certa forma, o Facebook trouxe caos para dentro da aldeia, houve uma desorganização em relação à vida, aos costumes e à tradição. Os conselheiros das aldeias preocupam-se e têm reforçado a importância do cuidado com a repercussão da presença dessas tecnologias, principalmente entre os mais jovens. Uma grande preocupação dos caciques, essas tecnologias podem atrair o Mbya para a cidade, para fora da aldeia, e para todos os riscos que isso envolve. Da mesma forma, a chegada de um terceiro, não indígena, uma pesquisadora falando de tecnologias e de Facebook. Nesse caos, cada um procurou seu próprio caminho de organização, estabeleceram seus rituais. Como refere Balandier (1997), qualquer que seja sua pretensão, o rito é ordem por si mesmo, o rito trabalha para a ordem. E os processos que vão se formando com as alteridades Mbya-Guarani vão se constituindo, simbolicamente, num ritual de cura, que vai ajudar a equilibrar o modo de ser do não-indígena, de concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica com a concepção ameríndia e sua totalidade cosmológica. Há uma profunda relação de completude e incompletude que vai fortalecendo e atualizando o modo de ser guarani e ensinando-nos sobre as aprendizagens das relações interculturais e revelando-nos que outras compreensões são possíveis e necessárias, num contexto planetário. Do jeito deles, os Mbya vão nos mostrando que é preciso religar os conhecimentos e que a reforma do pensamento é necessária. Para isso, é preciso considerar o contexto e o complexo planetário, uma aventura comum que conduz os seres humanos onde quer que se encontrem, reconhecendo que a diversidade cultural é inerente ao humano - a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana. Indivíduos, sociedade e espécie são co-produtores um do outro (MORIN, 2003), embora poucos se reconheçam nessa relação ou nossa condição humana. Abrir-se para o outro é a questão! Mas é preciso estar atento, pois a incompreensão de si é fonte de incompreensão do outro. Cada um é, ao mesmo tempo, fim e meio dos outros (MORIN, 2003). A incompreensão possui efeito multiplicador de novas incompreensões, conflitos e sofrimento. A contrário senso, a compreensão de si e do outro gera mais compreensão e contribui para a formação de uma cidadania planetária.

APRENDIZAGENS E DESAPRENDIZAGENS DO PONTO DE VISTA COMPLEXO

Nessas vivências, deparei-me com a experiência de estar-sendo que nos inspira o filósofo argentino Rodolfo Kusch (Buenos Aires, 1922-1979). Em sua obra *América Profunda* (1986), ele nos diz que o estar-sendo pode ser considerado uma experiência de raiz messiânica, de natureza, de solo grávido, de se contrapor ao ser ocidental, de ser parte e de estar em permanente diálogo com a natureza. Há uma existência em devir, de tornar-se outro; um libertar-se do querer ser alguém para um estar-sendo que fecunde um sentimento de perenidade. Deixa emergir um sentimento de que a América é um lugar para abalar crenças; um choque para o ser alguém que se inquieta diante dessa dimensão do estar-sendo, que resiste ao modelo de vida urbana marcada pelo ser, pelo acumular coisas, pela disposição de reduzir o homem a uma dimensão econômica, a um problema de coisas, um movimento interno comprometido com a natureza, imobilizado por forças mágicas que dominam sua realidade e que não se alteram com o passar do tempo - é estático; o medo à ira divina não se modifica, apesar das mudanças que se operam ao seu redor e resiste à cidade. O estar-sendo como um outro modo de ver os problemas e os sentidos da vida, de alteridade e de conexão planetária. Essa mesma dimensão pode estar na tensão entre os jovens e os mais velhos, na força do costume e, mesmo, na determinação para o uso do Facebook. É também o tensionamento entre uma prática ancestral em que as crianças aprendem com os mais velhos, nas histórias contadas à noite, ao redor do fogo, no futebol como processo de alteridade com a comunidade, nos rituais da *opy* e a forma como as tecnologias são usadas individualmente dentro das aldeias. Sim, eles permanecem nas aldeias, vivendo seus rituais, mantendo suas crenças, seguindo os costumes, mas, do seu modo, vão inovando nos processos de resistência, e produzindo formas para sair da invisibilidade.

Durante a pesquisa, encontros e tensões na aldeia e postagens no Facebook foram revelando dimensões do estar-sendo, desde a chegada à aldeia e a forma como lidaram com a desordem causada pelas pesquisadoras que não levaram o alimento para o jantar e o esquecimento deste fato pouco tempo depois; o senso estético demonstrado na seleção das imagens que publicam no Facebook, reveladoras de um modo de ser ritualístico e vinculado aos ciclos da agricultura (desde a preparação da terra até a sedução pelo paladar); da força paralisante da natureza na qual o sinal recebido em um sonho determina que não deve trabalhar na construção da *opy* (a casa de rituais) ou cancelar uma viagem; a queda de um raio que determina a troca do lugar reservado para a construção da *opy*; a força do nome guarani revelada no modo como interagem no Facebook; a densa presença do corpo nas imagens postadas no Facebook. Essas são dimensões nas quais *el estático del estar - todo su movimiento es interno y se rige por el compromiso con el ámbito, una permanencia de fuerzas mágicas, que no se altera con el traslado* (KUSCH, 1986, p. 94), acompanhei no Facebook e vivenciei na aldeia.

Observei que as emoções afloradas pelo impacto das imagens divulgadas na Internet e no Facebook também contribuem para despertar um sentimento afetivo e vivenciar relações de uma alteridade jamais imaginada. E me impulsionaram a desenvolver a etnografia no fluxo dos movimentos e das emergências. E a relação afetiva que fui construindo com todos foi também se tornando um devir-nativo e transformou-se em afetação, em novas percepções para a sensibilidade de mundo, do outro e de mim mesma. Possibilitou-me uma aprendizagem profunda, que vem da riqueza das relações interculturais vivenciadas, no deixar-se afetar e buscar afetar, num poderoso exercitar de alteridade vivenciada e compartilhada em um ambiente digital como o Facebook, gerando inúmeros processos educativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, pude compreender que os processos que vão se formando a partir das alteridades com os Mbya-Guarani constituem-se, simbolicamente, num ritual de cura para equilibrar o modo de ser do não-indígena com o estar-sendo indígena; a concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica buscando encontrar o equilíbrio a partir do abrir-se às concepções ameríndias, na uma totalidade cosmológica, de mais respeito e reconhecimento do valor daquilo que o universo nos entrega durante a vida. Uma profunda relação de completude e incompletude vai fortalecendo e atualizando o modo de ser Guarani e nos ensinando sobre as aprendizagens das relações interculturais. A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana e de que somos co-produtores um do outro, embora poucos se reconheçam nessa relação. A incompreensão de si é fonte de incompreensão do outro; cada um é, ao mesmo tempo, fim e meio dos outros (MORIN, 2011). Para que se efetive, é preciso desaprender o preconceito e o utilitarismo antropocêntrico e se colocar no fluxo para converter nossa existência em instrumento de uma cidadania planetária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. de. **O futebol entre os indígenas da etnia Bororo**. Rev. Bras. 2003Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.36, n.2, abr./jun. 2014. Disponível em [http:// revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2130](http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2130). Acesso em 11/4/19.

BALANDIER, G. *A desordem. O elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GARLET, I. J. *Mobilidade Mbya: História e Significação*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1997.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013

GUEDES, E. C. **Por um novo humanismo na educação: um encontro entre Emmanuel Lévinas e Paulo Freire**. MPMGOA, João Pessoa, v.3, n.2, p. 03-17, 2014. Disponível em <http://www.periodicos.mpmgoa.org.br/index.php/revista/article/view/100>.

ufpb.br/ojs2/index.php/mpgoa/article/view/20280. Acesso em 11/4/2019.

KUSCH, Rodolfo. **América profunda**. Argentina: Editorial Biblox, 1986

LEVY, P. **O que é virtual?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Cosac & Naify, 2003.

MIGNOLO, W. **Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento – sobre (de)colonialidad, pensamento fronterizo y desobediência epistêmica**. Fund. Dialnet, Revista de Filosofia, vol 74, n. 2, 2013. Disponível em <http://eipcp.net/transversal/0112/mignolo/es>. Acesso em 10/12/2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MORIN, E. EKERN, ANE. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PISSOLATO, E. de P. **A Duração da Pessoa: mobilidade, parentes e xamanismo Mbyá (Guarani)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

SOUZA, F.R.S. **Processos educativos na alteridade Mbya-Guarani no Facebook - afetar e deixar-se afetar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado - UNISC, Santa Cruz do Sul, RS. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/678>

SOUZA LIMA, A. C. de. **Sobre tutela e participação: povos indígenas e formas de governo no Brasil, séculos XX/XXI**. Revista Mana, vol. 21, n. 2. Rio de Janeiro, 2015. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200425. Acesso em 20/10/2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 80, 85

Animes 90, 96

Arduino 155, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165

Arte 98, 99, 100, 101, 112, 113, 140, 159, 162, 236

Aulas práticas 62, 66

C

Computação Física 155, 164, 165

Conhecimento 62, 96, 132, 134, 137, 240, 320

D

Diversidade sexual 37

E

Economia de Belém 67

Educação STEAM 155

Elementos geométricos 98

Ensino-aprendizagem 13

Ensino de História 267, 278

Ensino de imunologia 90

Ensino Profissional e Tecnológico 13

Escolarização 1

Escola sem Partido 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 264

Escravidão no Brasil 202

Escrita 122, 123, 202

Escrita epistolar 202

F

Formação de Professor 13

Fotografia 267, 269, 279

G

Gêneros textuais 242, 243, 250

Gerencialismo 251

H

História da Ciência 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60

I

Imaginação e criatividade 98

Indígena 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11

L

Leitura 122, 123, 128, 129, 141, 242

Livro didático 37

M

Maus Tratos 71

P

Patrimônio 267, 278, 279

Políticas Públicas 181

Pós-Estruturalismo 37

Produção de texto 242

Programação 155

Psicanálise 71, 75, 76

R

Reflexão 114, 143

T

Trabalho Docente 181

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-551-8

